

# O TEATRO DE IMPROVISO COMO PRÁTICA EDUCATIVA NO ENSINO DE HISTÓRIA

Assis Souza de MOURA  
Licenciado em Letras – UEPB  
Especialista em Literatura e Cultura Afro-Brasileira – UEPB  
Mestrando em Educação - UFPB  
souassis@hotmail.com

## RESUMO

Este trabalho, nascido no campo da experiência docente, é resultado de uma teorização possível sobre a importância didático-pedagógica do Teatro de Improviso no cotidiano escolar, inovando a prática de ensino pela perspectiva histórico-crítica. Pelos aspectos de análise que assumimos neste trabalho, o Teatro de Improviso - dentro das “novas” linguagens - é compreendido como metodologia de ensino adjetivada como “simples”, “aplicável” e “eficaz”, adequando-se, facilmente, aos programas das diversas disciplinas escolares. Com a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana no currículo da Educação Básica (Lei n.º 11.645/2008), o Teatro de Improviso, rompendo com a fragmentação disciplinar “comum”, é indicado como promotor de uma transversalidade necessária e configura-se como estratégia experimental para a superação das desigualdades étnico-raciais na escola, cujo objetivo principal é o de promover o reconhecimento e a valorização da diversidade humana como elemento fundante de relações inter-pessoais harmoniosas e de respeito incondicional ao outro, ao diferente.

**Palavras-Chave:** Teatro de Improviso. Ensino de História. Diversidade Étnico-racial.

**Considerações Iniciais.** Com este artigo, propomos uma reflexão teórica sobre a utilização do Teatro de Improviso como prática educativa no combate às discriminações raciais na escola de ensino fundamental, pois acreditamos que o teatro, independentemente de um estudo estético ou filosófico, é uma forma de convivência com a diversidade e, assim, estratégia e recurso dinâmico para a desconstrução de preconceitos e discriminações negativas, sendo, também, aliado na construção de processos para a reeducação das relações étnico-raciais.

Articulamos o presente texto em tópicos seqüenciais, traçando caminhos alternativos para o entendimento do teatro como arte e do teatro de improviso como prática educativa no combate às múltiplas formas de discriminações raciais na escola.

A arte, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, “solicita a visão, a escuta e os demais sentidos como portas de entrada para uma compreensão mais significativa das questões sociais.” (1).

O ser humano que não conhece arte tem uma experiência de aprendizagem limitada, escapa-lhe a dimensão do sonho, da força comunicativa dos objetos à sua volta, da sonoridade instigante da poesia, das criações musicais, das cores e formas, dos gestos e luzes que buscam o sentido da vida. (2)

A Arte, como um universo de diversidades de expressões, ensina que é possível transformar a existência e transformar-se, envolver-se continuamente, e que é preciso - e possível e necessário - mudar referências a cada momento, ser flexível, e é a arte que sempre propõe a (re)significação.

O teatro no ensino fundamental, enquanto arte, estimula o crescimento da criança, tanto no plano individual quanto no plano coletivo, onde a diversidade tem especificação e encontra os mais elevados níveis de indiferença.

No plano individual haveria o 'desenvolvimento das capacidades expressivas e artísticas da criança'. Já o plano coletivo promoveria 'exercício das relações de cooperação, diálogo, respeito mútuo, reflexão de como agir com os colegas, flexibilidade de aceitação das diferenças e aquisição de sua autonomia como resultado do poder agir e pensar sem coerção. (3)

O teatro pode transformar (e transforma) a escola em um espaço de trabalho e aprendizagem pelo viés do prazer e do encantamento. O espaço escolar de hoje, diferente do que se preconizava na escola tradicional, é "um lugar social plural e contraditório." (4). E esta é uma dimensão essencial do aprender humano: a condição de estar imerso no contraditório, o que possibilita um contato direto com a diferença.

Por não questionar ou compreender o contraditório, a escola entra em crise. E não é de hoje que notamos as crises sucessivas de identidade, tornando-se uma escola que não entende o(a) aluno(a) nem se preocupa com a aprendizagem efetivamente significativa. A escola já não se reconhece como espaço de aprendizagem significativa e os(as) alunos(as), não poucos, reclamam, dizendo que a escola é "chata". Os(as) especialistas também criticam, afirmando que a escola não valoriza as relações cotidianas e as experiências prévias dos(as) educandos(as).

Alves (2007) critica:

Não é de hoje que a escola é chata. Ela sempre foi assim e isso acontece porque as coisas são impostas às crianças. A prova de que uma criança gosta de ir à escola é se, na hora do recreio, ela está conversando com os amigos sobre as coisas que a professora ensinou. E não se vê isso. Então fica evidente que elas gostam da escola por causa da sociabilidade, dos amiguinhos, por causa do recreio. Mas elas não estão interessadas naquilo que se ensina na escola. (5)

Encarar o que é apresentado por Alves (2007) não é fácil e, naturalmente, inquieta, provocando questionamentos de toda ordem, que nunca serão respondidos de forma satisfatória, com respostas definitivas ou conclusivas. Fonseca (2003), com idéias que se concatenam com as de Alves (2007), enfatiza que não se pode deixar de lado o universo das inter-relações humanas

com a diversidade (ou com o Outro), afirmando que é justamente nos processos de aprender-ensinar ou ensinar-aprender, junto ao diferente e/ou contraditório, que se educa para a cidadania, respeitando-se a pluralidade existencial dos(as) educandos(as).

Os alunos (no plural) são pessoas que têm histórias de vida de diferentes, culturas e valores diversos. Seus conhecimentos prévios, seus interesses, suas motivações, seus comportamentos e suas habilidades são importantes contribuições não apenas como ponto de partida, mas como componentes de todo o processo educativo. (6)

Defendemos uma escola feita de realidade e imaginação, em dosagens equilibradas, e apresentamos o teatro como elemento transformador das relações intra e inter-pessoais no cotidiano escolar – espaço de diversidades.

No fazer teatral, “aprender com sentido e prazer está associado à compreensão mais clara daquilo que é ensino.” (7). Educa-se (“*educare*” e “*educere*”), ensina-se e (re)descobre-se o dinamismo e o encanto da diversidade pelo envolver-se com ela.

O teatro, afirma Leal (8), rompe com as estruturas tradicionais da escola, “Não se trabalha sobre um aprender repetido – é sobre a descoberta, é sobre o novo que indagamos, mesmo que repitamos um certo jogo.

Precisamos compreender que o ensino fundamental configura-se como um momento escolar especial na vida dos(as) alunos(as). É neste momento de seu desenvolvimento que eles/elas aproximam-se das questões do universo do(a) adulto(a), em busca de vivências e aventuras. E trabalho com o teatro no interior da escola, permite uma reflexão profunda sobre ensinar e aprender, dialeticamente inseparáveis: “ensinar é estabelecer relações interativas que possibilitam ao educando elaborar representações pessoais sobre os conhecimentos, objetos do ensino e da aprendizagem.” (9). E mais: “O ensino se articula em torno dos alunos e dos conhecimentos, e a aprendizagem depende desse conjunto de interações. [...] ensino e aprendizagem fazem parte de um processo de construção compartilhada de diversos significados, orientado para a progressiva autonomia do aluno.” (cf. 9).

Aprender/ensinar é posicionar-se em defesa de uma escola plural, imprimindo um novo ritmo ao viver/conviver, em percursos que vão e voltam, da sala de aula ao mundo. E é o teatro que melhor possibilita que aconteçam aulas dentro e fora de si mesmo. Dentro, na sensibilidade e, fora, no espaço físico da aula, onde “o ritmo [...] é o que impressiona mais vivamente: o tempo tem seu vagar, as coisas vão fluindo, sem obsessão de acabar agora, agora. As pessoas vão tendo tempo, cada uma dentro de seus limites, de embarcar nas palavras, nos desenhos, nas representações.” (10).

O teatro é o cultivo mais eficiente e eficaz da criatividade e esta “deve ser nutrida e cuidada onde quer que apareça, justamente porque não pode ser ensinada ou encomendada.” (11). Pelo ato de fazer teatro compreende-se que a criatividade “consiste na ação individual e

coletiva de fazer e inovar.” (12). E, segundo Leal (13), o teatro é um *pot-pourri* de linguagens. A importância do teatro na escola implica, pois, “numa experimentação mais livre com as linguagens”. “[...] A linguagem teatral é perpassada pela música, pelo som, pela palavra, pelas artes plásticas, pela dança etc.” (14).

O teatro amplia o horizonte, melhora a auto-estima e a auto-imagem, oportuniza aos(as) alunos(as) um conhecimento diversificado e a expressando livre de sentimentos, emoções, aflições e sensações. É através do teatro que os indivíduos são preparados para serem “capazes de desenvolver novos modos de vida em comum e definir novas direções. Essas capacidades não podem ser impostas ou ensinadas, precisam ser nutridas.” (15).

Hoje, mais do que nunca, é necessário cultivar a criatividade humana, pois, em um contexto de rápida mutação, os indivíduos, as comunidades e as sociedades só podem adaptar-se ao que é novo e transformar sua realidade por meio da iniciativa e da imaginação criadoras. (16).

Pelo teatro “A emoção é movimento, a imaginação dá formas e densidade à experiência de perceber, sentir e pensar, criando imagens internas que se combinam para representar essa experiência.” (17). E vale salientar que não só o teatro, mas todas as formas de arte devem ser reconhecidas como representativas do próprio conceito de criatividade, uma vez que nascem da imaginação e da percepção subjetiva e se incorporam ao universo das diversidades sociocultural, histórica, política e econômica.

Fazer teatro é aguçar a percepção de si e do outro, rompendo com todas as formas ou manifestações de preconceitos e discriminações. No fazer teatral, aprendemos sem nos preocupar em aprender. É uma aprendizagem diferente: “[...] aprender a pensar no fluxo do aprender a sentir.” (18). O teatro promove o reencontro consigo mesmo, favorecendo a dimensão estética da vida pelo toque, pelo olhar, pelo abraço. “O aprender teatral vai se sedimentando quando se traz até a consciência algo evocado e vivido com a imaginação.” (19). O ato cênico, sobretudo, o de caráter espontâneo, de improviso, é um exemplar único e original de carinho e cuidado, expressamente visível no universo simbólico das inter-relações pessoais. “O teatro nos convida, pois, a novos modos de aprender, onde existe um fluxo permanente de interesse, diferente do fluxo sincopado pela matéria que caracteriza a turma da escola. (20).

O teatro combate o vazio e a solidão, reconhece o outro como ele/ela é, respeitando-o(a) incondicionalmente; propõe a partilha de si, ou seja, expressão livre e espontânea do Eu e do Meu, doação ao outro. E, como consequência natural, nasce uma nova consciência: o diferente não é o desigual. O PCN de arte enfatiza:

A aprendizagem artística envolve, portanto, um conjunto de diferentes tipos de conhecimentos, que visam à criação de significações, exercitando fundamentalmente a constante possibilidade de transformação do ser humano. (21)

Pelo fazer teatral é possível reinventar as relações. Abre-se portas e rompe-se barreiras, destrói-se os traços e marcas do preconceito na história pessoal, sobretudo, o preconceito racial, fundado pela ignorância e pela distância em relação ao outro, devendo ser combatido com diálogo e ações afirmativas e sustentáveis de respeito, reconhecimento e valorização do diferente. E com o teatro é possível aproxima os diferentes, colocá-los frente a frente, e permitir que se toquem, se sintam, se tolerem por escolha e decisão livre. No teatro, as discriminações são combatidas pelo toque, pelo sentir.

Com as expressões teatrais é possível resgatar o desejo de ver-se, sentir-se, querer-se na representação dramática, aguçando o autoconhecimento. A diversidade e o diferente são naturais, inter-relacionam-se como manifestação ou expressão das impressões subjetivas facilmente percebidas e apresentadas sem bloqueio ou mascaramento.

O teatro de improviso registra a memória da evolução expressiva de cada ator ou atriz. O registro não é feito em papel ou documento, arquivado em recursos áudio-visuais, mas interiorizado no momento imediato de sua exteriorização. Ao exteriorizar-se, o ator ou a atriz reencontra-se consigo mesmo, e suas idéias são autocriticadas, revistas sob outros aspectos. Instala-se a dúvida e o questionamento e conquistam-se maturidade e segurança, e estereótipos, paradigmas dogmáticos e ilusões são desfeitos.

O Teatro de Improviso, também chamado de Teatro Espontâneo, é uma modalidade de teatro na qual o texto e a representação são criados no decorrer do espetáculo, e, na maioria das vezes, sem ensaio prévio, excluindo-se os textos pré-definidos. Para compor histórias são utilizados temas e a platéia é solicitada a participar da representação e o enredo é encenado na medida em que é construído, de forma envolvente e participativa. Os participantes – atores e atrizes - contracenam entre si e a beleza do espetáculo resulta da criatividade coletiva, cultivada pela imaginação livre e espontânea.

Assim, os principais elementos que integram o teatro de improviso são, entre outros: a) a sensibilização e a reflexão sobre problemas coletivos, apresentados de forma lúdica, inventiva e participativa; b) a intervenção crítica e criativa em temas específicos, propondo-se pesquisa e ação refletiva e dialógica; c) as atividades educativas; d) a expressão artística natural e e) o entretenimento. No Teatro de Improviso, a espontaneidade é uma ferramenta fundante do diálogo e assim se constrói o espaço cênico. A espontaneidade dá origem à criatividade, provocando-a e expandindo seu alcance. E as palavras viram gestos e gestos dizem mais do que palavras.

Como recurso pedagógico, o Teatro de Improviso na sala de aula é uma prática de inquestionável valor, reconhecida mundialmente. Contudo, embora existam educadores(as) que acreditam na força que o teatro tem para promover a aprendizagem e o desenvolvimento do(a) aluno(a) ainda há um grande número de escolas que não aceitam, não acreditam e não dão o devido valor ao exercício teatral no processo educativo. Na ação cênica espontânea, o(a)

aluno(a) torna-se sujeito da aula e vive de maneira integral o vínculo social de seu grupo, uma vez que, na prática cênica, o(a) aluno(a) tem um campo vasto e aberto para a expressão natural de suas emoções e sua intuição, essenciais para o desenvolvimento da criatividade. E aqui o conhecimento se torna ainda mais relacionado à vida cotidiana, conectado imediatamente à experiência.

Na escola, a atividade teatral tem como objetivo desenvolver a expressão corporal e verbal, pois, compreendemos que o corpo e a voz são os principais instrumentos ou recursos do teatro. “[...] um dos trabalhos notáveis, central, absolutamente necessário, é o trabalho com o corpo.” (22). E mais ainda:

Se o teatro faz florescer a viva voz ou a escrita – ao menos é nesses canais que o tenho experimentado – ele não terá vez entre as crianças se o corpo não for seu epicentro. Repito: o trabalho com o corpo das crianças é central para o teatro na escola. (cf. 22)

A consciência corporal deve ser um dos pontos ou aspectos fundamentais da aprendizagem, pois, “A criança, pela brincadeira, irá construindo as suas afetividades.” (23). O teatro, quando utilizado de forma adequada no ambiente escolar, impulsiona o desenvolvimento de crianças e adolescentes de maneira rápida, graças ao fazer lúdico, que permite imaginação, fantasia, interação e convivência com o diferente. Às vezes, ele pode ser um caminho que se abre para os(as) tímidos(as). Outras vezes, um caminho fácil para a liberação dos(as) extrovertidos(as) no sentido de desenvolverem uma introspecção necessária. E, além de tudo isso, o teatro propõe a formação acelerada, o conhecimento de si e do outro, despertando o conhecimento e o sentimento de mundo. Descobre-se o pertencer. O teatro abre as perspectivas de um entendimento do mundo como um todo e das pessoas como iguais em direito e diferentes, diversos em expressão. O teatro caminha sempre contra os preconceitos e as discriminações, pois tudo o que é feito no teatro tem sempre um objetivo humano, de toque, de respeito, de convivência e de aprendizagem mútua.

Para organizar o teatro de improviso na escola é preciso compreender alguns elementos importantes. O primeiro deles é a constatação de que a arte teatral é a que mais facilmente atrai o interesse das pessoas, porque é uma arte viva e dinâmica, sem fronteiras. Assim, ela é possuidora de um apelo muito forte, conseguindo, convencer e persuadir, facilmente. Portanto, essencial para combater o racismo e as discriminações negativas.

Através do teatro pode-se, também, transmitir mensagens de caráter filosófico e/ou religioso que poderão agir sobre as pessoas, fazendo-as modificar seu modo de ver as coisas ou até mesmo seu comportamento, pois, para tanto, o teatro estará convidando essas pessoas a uma reflexão mais profunda no que diz respeito ao assunto apresentado.

De modo geral, podemos afirmar que o teatro tem por objetivo principal a representação com o caráter de lazer, de diversão. Contudo, ele não fica só no aspecto lúdico. Toda pessoa que

resolve escrever uma peça, por exemplo, está, obviamente, interessada em transmitir uma mensagem importante para alguém, seja denunciar, despertar, sensibilizar ou, simplesmente, apresentar.

O teatro, mesmo o de Improviso, espontaneamente realizado, usado como instrumento de educação e ação didática, é de efetiva validade para que sejam atingidos os objetivos no campo de afetividade, da cognição e da motricidade. Mesmo como teatro de improviso, sua execução na escola não dispensa uma formação teórica e prática, muito pelo contrário. Para o desenvolvimento de habilidades artísticas, os(as) alunos(as) precisam ler, escrever, observar, pensar e repensar a si mesmos e o outro, de forma integral. Cabendo ao professor ou à professora realizar, democraticamente, um trabalho sistemático de corpo e voz, enfatizando movimentação, equilíbrio, expressividade dos gestos, inflexões vocais, disciplina, argumentação oral, introspecção e extroverção, ludicidade intencional, divertimento natural e diálogo espontâneo.

Quando se pensa em teatro na escola, objetivamos, especificamente, oferecer aos alunos e alunas a oportunidade de projetar seu mundo interior, livre de inibições que lhes são impostas pelo condicionamento do mundo exterior, de múltiplas formas, através de improvisações, jogos dramáticos e criação de personagens reais e fictícios, resultando no equilíbrio psíquico da criança e do(a) adolescente e seu desenvolvimento cultural e criativo. Assim, podemos sintetizar os objetivos específicos do Teatro de Improviso na escola nos seguintes enunciados: a) conscientizar e aprimorar a percepção sensorial da imaginação e da criatividade; b) desenvolver a expressão e a comunicação; c) equilibrar as emoções; d) desenvolver o pensamento reflexivo e crítico; e) integrar o conhecimento ao cotidiano; f) desenvolver a participação e um comportamento responsável; g) conhecer os elementos da história do teatro e principais idéias; h) desenvolver a psicomotricidade; i) explorar e desenvolver aptidões e habilidades dos(as) alunos(as). Contudo, o maior benefício da utilização do Teatro de Improviso na escola, como categoria de conhecimento ou simplesmente ferramenta ou recurso pedagógico, é a possibilidade oferecida aos alunos e às alunas para que se coloquem no lugar do outro (“*empatia*”) e experimentem o mundo sem correr riscos, sem medo ou receios.

O contato com a linguagem teatral na escola ajuda crianças e adolescentes a perderem, continuamente, a timidez; a desenvolver e priorizar a noção de trabalho em grupo, a se sair bem de situações onde são exigidos o improviso e a sensibilidade, e a se interessar mais por textos e autores variados, desenvolvendo leitura e escrita, naturalmente. Fazendo um paralelo com os objetivos - geral e específicos - da educação brasileira, isto é, o exercício da cidadania participativa em um país democrático, é possível compreender e visualizar que este também é o objetivo primordial do fazer teatral na escola de ensino fundamental. O teatro é também um

exercício de cidadania e, claro, um meio eficaz e rápido de ampliar o repertório cultural dos(as) envolvidos(as).

Em vista do processo metodológico, faz-se teatro na escola em qualquer lugar: na sala de aula, no pátio, no corredor, na biblioteca. Não precisamos de poltronas confortáveis nem figurinos ricos para encenar o cotidiano percebido ou a imaginação. No Teatro de Improviso que acontece no ambiente escolar o único elemento ou recurso indispensável é a criatividade diante da diversidade. E, pela improvisação, a linguagem é lúdica, multifacetada e pouco depende da escrita, embora esta seja consequência natural da leitura. As atividades desenvolvem a oralidade, os gestos, a linguagem musical e, principalmente, a linguagem do corpo, sendo ideal para colocar em cena temas e acontecimentos cotidianos.

Grosso modo, o Teatro de Improviso possibilita o desenvolvimento de diversas habilidades e competências já apresentadas de forma implícita nos objetivos. Aqui, podemos citar: a) habilidades básicas: ler, escrever, calcular e falar e ouvir; b) habilidades de pensamento e c) habilidades de pessoais. Na perspectiva do ato cênico de improviso, configuram-se como habilidades de pensamento: a) pensar criativamente; b) tomar decisões; c) resolver problemas; d) ver as coisas com os “olhos da mente” e e) saber aprender e raciocinar de forma autônoma. E, em meio às problemáticas enfrentadas, cada um e cada uma, desenvolvem, individualmente e pela interação, habilidades pessoais, a saber: a) responsabilidade individual; b) auto-estima; c) sociabilidade; d) autogestão e e) integridade.

Além de todas estas habilidades, podemos destacar outras, a saber: a) habilidades de colaboração: construir consenso, ouvir, organizar, opinar... b) habilidades de pesquisa: expor questões, localizar informações... c) habilidades de comunicação e transmissão: escrever, falar, usar representações gráficas da informação... d) habilidades de exploração e investigação: assumir riscos, conviver com ambigüidades, promover o autoquestionamento... e) habilidades de trabalhar em grupos e equipes e assumir responsabilidades e esperar mudanças.

Citamos, ainda, os resultados possíveis do trabalho pedagógico com o Teatro de Improviso na escola: a) autoconhecimento; b) administração de humores; c) automotivação; d) controle de impulsos; e) sociabilidade. Resultados estes obtidos graças a um processo gradativo de *empoderamento* diante da construção da autonomia. O que só acontece pela interação com a diversidade.

No Teatro de Improviso, a aprendizagem se dá pela experiência com o fazer, o ser, o ter, o imaginar, o visualizar. Por si só, sem recorrer a definições, conceitos ou explicações, toda e qualquer modalidade ou técnica teatral trabalha com a diversidade, especificamente: reconhece na diversidade possibilidades para trabalhar o encanto, magia e os mistérios da vida, bem como traçar horizontes de compreensão da realidade, tal como ela é ou se mostra.

A diversidade é um princípio de coerência pessoal e posicionamento social. Ela permite uma significatividade possível ao contato ou toque como uma forma constante de abertura ao



transcendente pela disponibilidade natural do ser humano à sensibilidade. Assim, pelo fazer e o não-fazer adquirido no teatro, o aprender segue os princípios da convivência com o diferente e requer aprendizagens básicas, gerais e específicas. Portanto, pelo autoconhecimento e a autoconfiança, assumidos no palco da criatividade, é possível promover uma aprendizagem por sete vias, tornando o respeito incondicional, a saber: a) aprender a não agredir o outro; b) aprender a comunicar-se; c) aprender a interagir; d) aprender a decidir em grupo; e) aprender a se cuidar; f) aprender a cuidar do lugar em que se vive; g) aprender a valorizar os saberes sociais e as culturas.

Por este prisma, compreendemos, a escola torna-se um verdadeiro espaço para vivências e experiências inovadoras, profundamente humanas e “humanizadoras”. Com esta visão de escola, é possível afirmar que a escola não prepara para a vida, pois ela mesma é um espaço físico-social e político onde a vida humana se desenvolve. Ela não prepara para a vida, pois é a própria vida em movimento! Sim, a escola é um “microcosmo social” de grande significatividade pedagógica, espaço para um verdadeiro laboratório de relações humanas, ricas de sentidos, baseadas na diversidade.

## Notas

1 BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte. 3. ed. Brasília: A Secretaria, 2001. p. 20.

2 *ibidem*, p. 21.

3 SILVA, Rovilson José da. **A relação escola e teatro infantil**: algumas considerações. Disponível em: <[http://www.ofaj.com.br/colunas\\_conteudo\\_print.php?cod=275](http://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo_print.php?cod=275)> Acesso em: 20 nov. 2007.

4 FONSECA, Selva Guimarães. Didática e prática de ensino de Ensino: Experiências, reflexões e aprendizados. Campinas (SP): Papyrus, 2003. p. 102.

5 ALVES, Rubem. **Aprender para quê?** Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT879723-1666-1,00.html>> Acesso em: 5 dez. 2007.

6 FONSECA, Selva Guimarães. Didática e prática de ensino de Ensino: Experiências, reflexões e aprendizados. Campinas (SP): Papyrus, 2003. p. 103.

7 BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte. 3. ed. Brasília: A Secretaria, 2001. p. 47.

8 LEAL, Antônio. Teatro na Escola: da Clausura à libertação. In: GARCIA, Regina Leite (org.). **Múltiplas Linguagens na Escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p. 93.

9 FONSECA, Selva Guimarães. Didática e prática de ensino de Ensino: Experiências, reflexões e aprendizados. Campinas (SP): Papyrus, 2003. p. 103.

10 LEAL, Antônio. Teatro na Escola: da Clausura à libertação. In: GARCIA, Regina Leite (org.). **Múltiplas Linguagens na Escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p. 94.

11 CUÉLLAR, Javier Pérez de (org.). **Nossa diversidade criadora**: Relatório da Comissão Mundial de Cultura e Desenvolvimento. Campinas (SP): Papyrus, Brasília: Unesco, 1997. p. 104.

12 *ibidem*, p. 102.

- 13 LEAL, Antônio. Teatro na Escola: da Clausura à libertação. In: GARCIA, Regina Leite (org.). **Múltiplas Linguagens na Escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p. 100.
- 14 *ibidem*, p. 97.
- 15 CUÉLLAR, Javier Pérez de (org.). **Nossa diversidade criadora**: Relatório da Comissão Mundial de Cultura e Desenvolvimento. Campinas (SP): Papyrus, Brasília: Unesco, 1997. p. 102.
- 16 *idem*.
- 17 BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte. 3. ed. Brasília: A Secretaria, 2001. p. 41.
- 18 LEAL, Antônio. Teatro na Escola: da Clausura à libertação. In: GARCIA, Regina Leite (org.). **Múltiplas Linguagens na Escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p. 94.
- 19 *ibidem*, p.93.
- 20 *ibidem*, p. 94.
- 21 BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte. 3. ed. Brasília: A Secretaria, 2001. p. 54.
- 22 LEAL, Antônio. Teatro na Escola: da Clausura à libertação. In: GARCIA, Regina Leite (org.). **Múltiplas Linguagens na Escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p. 100.
- 23 *ibidem*, p. 101.